

*Uma próspera
clínica de bairro
rico em Nova York
paga as contas da
verdadeira missão
deste homem
— a salvação dos
viciados em
entorpecentes em
favelas da cidade*

WILLIAM SCHULZ

A Dupla Vida do Dr. Baird



É NOITE no esqualido bairro de Harlem Oriental, em Nova York. Às 21h 45m, um sedan azul pára diante do N.º 222 Leste da Rua 116, um prédio de quatro andares, e dele salta um sujeito forte, vestindo um jaleco branco de médico. «Vamos entrar», diz ele para uma dezena de pessoas que o esperam na calçada, e todos se dirigem para a salinha de espera

da Haven, a extraordinária clínica especializada em narcóticos, obra de um só homem.

Durante as quatro horas seguintes o Dr. Robert William Baird trabalhará com vítimas da epidemia de droga na América. Ricos e pobres, brancos e negros, todos têm uma coisa em comum: são viciados tentando libertar-se.

Em 15 anos, o Dr. Baird tratou

mais de 1.000 viciados, com idades variando entre nove e 72 anos. Num campo onde as curas são praticamente inexistentes, onde 98 em 100 viciados voltam à droga, ele tem obtido o extraordinário índice de 60 % de curas. Recusando fundos do Governo, considerando a Metadona «uma fraude que substitui uma droga por outra», este médico muito franco e sem papas na língua tornou-se uma lenda entre os que têm testemunhado o seu trabalho.

Um policial que lida com narcóticos chama-o «milagroso». A mãe de um jovem que continuava viciado depois de milhares de dólares gastos com psiquiatras diz: «O Dr. Baird não aceita um centavo, e restituiu-me o filho.» Um viciado de 56 anos de idade, que há três anos não toma drogas, acrescenta: «Adoro esse homem. Salvou-me a vida.»

O Dr. Robert Baird nasceu há 49 anos, em Newark, Nova Jersey, filho de imigrantes. Criado na zona pobre do Brooklin, custeou seu primeiro ano de estudos lavando pratos no Hotel Waldorf-Astoria. Quando veio a guerra, alistou-se na Marinha, chegou a oficial e participou de combates no Pacífico Sul. Depois da guerra, fez em dois anos os três que lhe faltavam do curso secundário, e entrou na Faculdade de Medicina em 1947, pagando os seus estudos com o que ganhava desempenhando pequenos papéis na TV. Fez o internato e a residência nos Hospitais Flower e da Quinta Avenida, nos limites do Harlem,

e especializou-se em endocrinologia.

Em 1956, o Dr. Baird foi convidado a fazer uma conferência sobre diabetes para um grupo cívico de Nova York. À saída, um garoto de nove anos aproximou-se dele timidamente, levantou a manga, mostrou ao médico marcas recentes de picadas de agulha e contou uma história trágica. Fora viciado na heroína por um colega do coro da sua igreja, e agora financiava o vício roubando lojas do bairro.

«Nove anos, e já viciado», pensou Baird amargamente. Investigando um pouco, descobriu que o garoto não era o único. «Havia milhares de viciados, *milhares*, e ninguém tomava providências.» Baird resolveu fazer alguma coisa.

Abriu um consultório na zona elegante de Nova York, e logo tinha uma clínica florescente. Com o dinheiro entrando, comprou um prédio velho no Harlem, montou um consultório no térreo e foi morar no segundo andar. Passava o dia atendendo os doentes ricos, e as noites os viciados.

Solteiro («Que mulher aguentaria uma vida destas?»), Baird mantém um horário que arrasaria rapidamente com qualquer um. Levanta-se às 6.45 e faz ginástica durante 35 minutos, levantando pesos, boxeando e fazendo flexões; em seguida, exercita a voz durante meia hora. (Ele é quem canta o Hino Nacional diante de 63.000 pessoas, no começo dos jogos dos Jets de Nova York.) Às oito da manhã está a caminho dos Hospitais Flower

e da Quinta Avenida, para ver os seus doentes particulares, e depois passa o resto da manhã na Clínica de Diabetes do Hospital Metropolitano.

Sem almoçar (e sem ter tomado o café da manhã), Baird vê outros clientes seus, faz novas visitas hospitalares no fim da tarde, e depois vai para o consultório. No meio disso tudo, arranja tempo para jantar, dar conferências, ir a aulas em dois hospitais, trabalhar num livro sobre viciados, atender a qualquer hora telefonemas de pais angustiados — e talvez umas três ou quatro horas para dormir.

O primeiro viciado de que Baird tratou, há 15 anos, foi um garoto de 16 anos, líder de um bando de delinquentes no Harlem. O jovem andou bem durante oito meses, até que os pais o mandaram para «um ambiente melhor». Afastado da rígida disciplina de Baird, recaiu — o primeiro fracasso do médico.

No começo, houve mais fracassos que êxitos. «Eu tratava do viciado algumas vezes por semana», conta o Dr. Baird. «Quando ele parecia estar endireitando, passava a vê-lo uma vez por semana ou cada 15 dias, e finalmente uma vez por mês. O que eu não percebia é que a cultura da droga é tão permeante que o viciado precisa de vigilância e terapia diárias.»

Todas as quintas-feiras, Baird faz uma palestra para viciados que vêm à Haven pela primeira vez. «Não há soluções milagrosas», diz ele, «mas vocês *podem* livrar-se do vício.»

Um a um, viciados que conseguiram libertar-se levantam-se e contam seus casos. Um motorista de táxi de 25 anos, ex-policia! cuja carreira fora encerrada pela heroína, conta: «Eu estava num porão imundo, e os meus *amigos* — outros viciados — encostam um revólver na minha cabeça, querendo roubar o meu dinheiro. De repente, ocorreu-me: 'Meu velho, você não vai longe assim.' Vim procurar o doutor, então, e larguei de uma vez. No começo, é um inferno, mas a gente acaba ganhando.»

Quem estiver interessado em frequentar a Haven tem de assistir a três ou quatro dessas sessões de quinta-feira, para comprovar a sua motivação. Uma vez aceite, recebe determinados medicamentos não narcóticos para facilitar a liberação física. «Do ponto de vista médico, é simples desintoxicar fisicamente um viciado», diz o Dr. Baird. «Mas é necessário um hábil controle durante muito tempo para desintoxicá-lo psicologicamente. Faço intervirem os pais, o marido ou a mulher. Sem a colaboração deles — o seu amor, a sua disciplina e, para ser claro, a sua vigilância — o viciado não tem a menor chance.»

Durante um ano, Baird vê o viciado todas as noites, menos aos domingos. Com alguns deles, Baird é uma figura paternal, firme, porém compreensiva, convencendo, incutindo confiança. Tom*, um estudante de 19 anos, não toma drogas

* Todos os viciados têm nomes fictícios.

há cinco semanas, mas vive perseguido por visões de más experiências anteriores. Conta que, durante as aulas, a professora às vezes parece derreter, com os olhos flutuando fora das órbitas. «Eu entendo, é terrível», diz Baird, suavemente. «Você me chame quando isso acontecer. Podemos controlar isso, com o tempo irá diminuindo. Mas, se você voltar à droga, nunca mais se livra.»

Baird é duro com os meninos ricos que vêm com a história de «o psiquiatra me disse que a culpa é dos meus pais». «Olhe aqui, garoto, a culpa é sua, e se você não aceitar isto, não se curará nunca.»

Às vezes, o Dr. Baird tem de ser duro como um sargento instrutor de fuzileiros. Danny, um jovem de 17 anos, filho de pais separados, tinha largado o vício havia um mês quando o médico descobriu uma picada de agulha recente. Atirando Danny contra a parede, explodiu: «Que é isso que você anda fazendo?»

«Deve ser uma picada antiga», gaguejou Danny.

«Ouça, menino, não pense que vai enganar-me. Eu sei quando uma picada é nova.» Apontando o dedo ao jovem aterrorizado, Baird pergunta: «Você já esteve num necrotério? Eles põem você em cima de uma mesa de aço, só com uma

etiqueta de papel, com seu nome, presa ao dedão do pé. Continue assim, e você acaba lá. Estou-lhe fazendo um apelo—quero você vivo!»

Um mês depois, Danny continua aguentando. Ele pode recair. Mas, se for como a maioria dos pacientes de Baird, acabará curado.

O Dr. Baird não tem ilusões de que possa combater sozinho a onda das drogas. Assim, em todos os minutos disponíveis, ele procura despertar um público apático. Acusa os seus colegas médicos de fazerem pouco para ajudar. Em palestras para pais e professores, tenta atingir os que o ouvem: «*Disciplina* — carinhosa, mas incessante — é a solução», diz ele. «Vocês não são *amigos* dos garotos. São pais ou professores, com responsabilidades diferentes.»

SÃO DUAS horas da manhã, e Baird acaba de despachar o seu último viciado. Acompanhando um visitante ao carro, diz o médico: «É tão fácil ficar deprimido. A gente olha à volta e vê mais droga a cada dia.» Mas em seguida os seus olhos tornam a brilhar, e ele acrescenta: «Você viu o Joey hoje? Largou há um mês e meio, já aumentou 10 quilos e pela primeira vez em cinco anos começa novamente a apreciar a vida. A gente vê essas coisas, e sente que tudo vale a pena.»



QUANDO lhe perguntaram porque estava emigrando, um amigo meu respondeu: «É por causa desse problema de sexo. Primeiro era proibido, depois permitiram, e agora encorajam. Vou-me embora antes que seja compulsório.»

— A. K.